

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

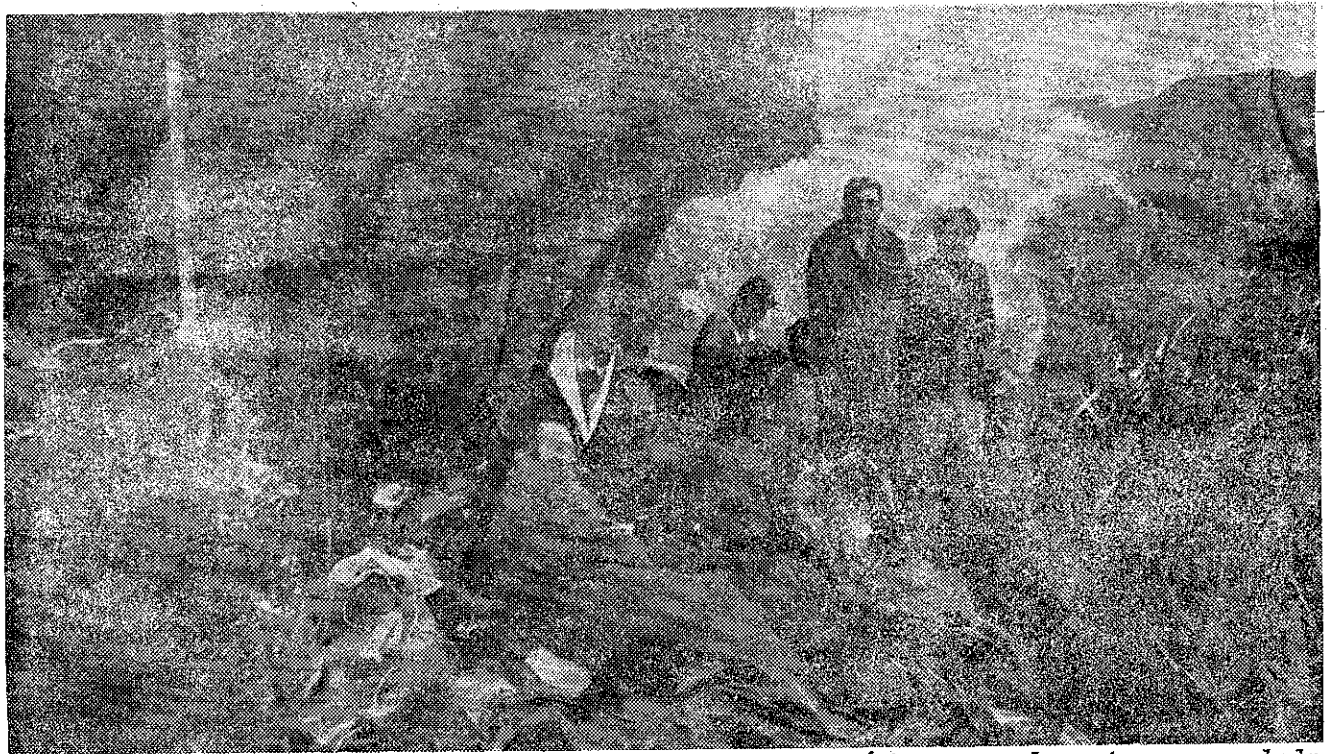
Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 01

Data: 10/03/74

Pg.: \_\_\_\_\_

### Patrulha escala o monte



*Integrantes da expedição desafiaram o frio e acamparam várias vezes durante sua escalada*

## Roraima 47 anos depois de Rondon



*Cap. Siqueira levantou a Bandeira no Roraima*

*Rangel Cavalcanti*  
Enviado especial

**Boa Vista** — Dez militares, quatro índios macuxis e um estudante rezaram um Padre Nosso a quase 3 mil metros de altura, na única solenidade realizada para marcar a colocação da Bandeira do Brasil no alto do monte Roraima, escalado até o topo pela primeira vez depois que o Marechal Rondon ali esteve, há 47 anos.

Uma patrulha do 2º Batalhão Especial de Fronteira, sediado em Boa Vista, Roraima, realizou a proeza após cinco dias de marcha por lugares nunca atravessados pelos brancos desafiando o frio intenso e as perturbações físicas e psico-

lógicas causadas pela altitude e escalando a grande rocha que é a atração misteriosa da triplice fronteira Brasil—Venezuela—Guiana, no setentrão brasileiro.

Chefiada pelo Capitão Irani Flores Siqueira, um gaúcho, a Operação Macunaima é apenas um dos pontos da Operação Amazônia-1, conduzida pelo Comando Militar da Amazônia e que envolve uma série de treinamentos militares na selva, nas condições mais adversas. E, entre outras coisas, ela descobriu uma estrada pavimentada a pedra que pode ter séculos de existência.

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

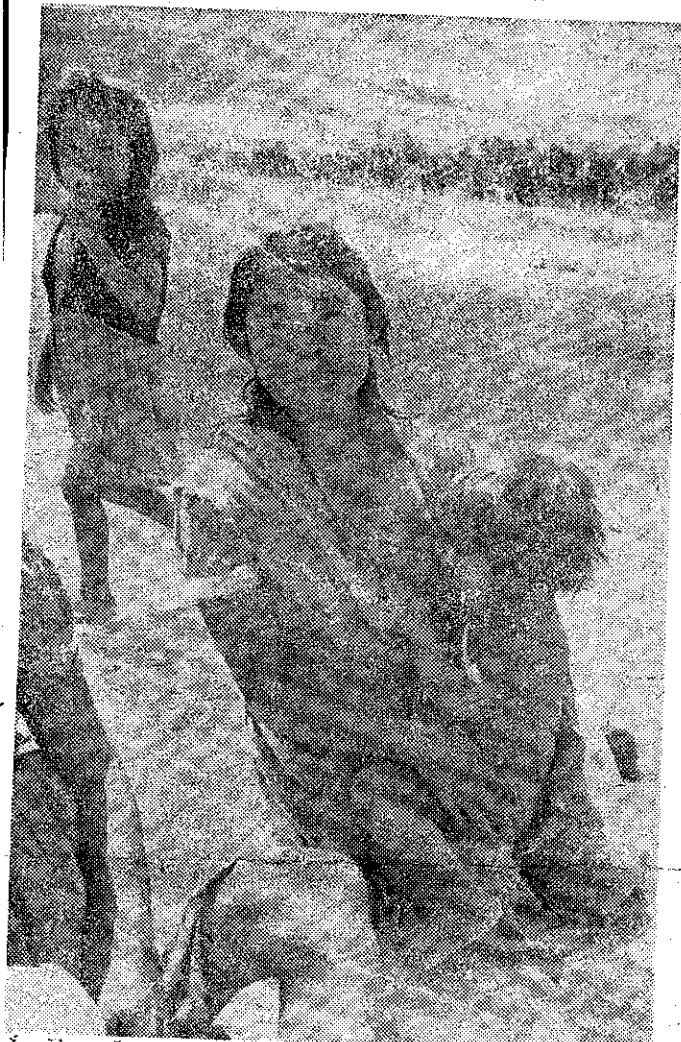
Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 01

Data: 10/03/74

Pg.: (cont.)

### Rumo à maloca



Índios doentes ganharam ajuda da expedição

Além do Capitão Irani, cujos hobbies são a selva e um aparelho de rádio-amador, integravam a patrulha os Capitães Orlando Almeida e Jairo Goalberto Fernandes, os sargentos Antônio Henrique e Damásio Nogueira, o cabo Lavor e o soldado Benedito, todos acompanhados pelos índios Vitoriano, Felipe, Gregório e General Rondon — este batizado assim para homenagear o homem de quem seu pai foi guia há meio século — e por um grupo da Ação Cívico-Social constituído por um acadêmico de medicina (Arlindo Vargas, da Universidade de Santa Maria, hoje servindo no campus avançado de Roraima), um sargento e dois soldados.

A expedição partiu para a maloca da serra do Sol, dos índios macuxis, onde começou a marcha de mais de 140 quilômetros, só encerrada no alto do monte, quando o grupo, cansado e faminto, rezou o Padre-Nosso a 2 875 metros de altura — às 17h 45m de uma tarde cinzenta, sob ventos fortes e frios que roncavam e assustam.

Na maloca dos macuxis, o cacique Damásio emprestou dois cavalos e quatro índios para auxiliar no transporte do equipamento e na orientação do grupo. Duas horas depois de atravessarem o igarapé Anarém e de começarem a percorrer o terreno íngreme e pedregoso no rumo da serra, alguns integrantes da expedição já eram obrigados a descansar em outro igarapé, queixando-se de câimbras.

Nos outros quatro dias de marcha intensa, a mata fechada raramente aparecia e o terreno era sempre em

elevação — um caminho praticamente todo de pedras, com poucos trechos de areia ou cobertos de vegetação. A expedição acompanhava, em parte, trilhas feitas pelos índios, únicos habitantes das proximidades da base do Monte Roraima, considerado meio sagrado por várias tribos.

Para certos nativos, especialmente os que vivem mais perto da Colômbia, estão escondidos na quele monte milhares de cargas de ouro pertencentes ao antigo império dos Incas — ouro que os espanhóis não chegaram a pilhar por causa da distancia. Dizem que quando souberam que Atauvalpa tinha sido morto, os índios — já a caminho com o ouro — teriam preferido voltar para enterrar tudo no Roraima.

Ao final do primeiro dia de marcha, o grupo dormiu no acampamento improvisado, depois de um churrasco de carne de sol preparado pela soma de esforços de um capitão gaúcho e um soldado cearense. O peso da mochila com gêneros e equipamentos deixara todos com as costas doídas.

Reiniciada a marcha, às 6h da manhã seguinte, a patrulha teve em 30 minutos a primeira visão da ponta do monte Roraima — praticamente livre, àquela hora, das nuvens que o envolvem durante a maior parte do dia. Eles almoçaram sardinha, carne em lata e salsicha, mas perderam o jantar quando o índio Vitoriano deixou escapar uma anta (ferida) que tinha baleado. A chegada à base do monte Roraima, no segundo dia de marcha, foi marcada pelo vento frio de 13 graus e pelas duas cobras mortas pelo sargento Damásio.

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 04

Data: 10/03/74

Pg.: (Cont. 2)

### No topo do monte

No terceiro dia, já não havia trilha alguma no caminho de pedra e a subida se tornava íngreme. A altitude e o esforço já tinham deixado o cabo Lavor com tonturas quando o grupo teve uma surpresa: encontrou um homem e duas mulheres brancas acampados na encosta com seis índios carregadores, fazendo piquenique. Todos eram venezuelanos e tinham acabado de desistir da aventura antes dos primeiros 500 metros de altitude.

Depois, as paradas passaram a ser feitas a cada 30 minutos: o percurso ficou mais difícil, com aclives quase em vertical, exigindo às vezes enormes acrobacias para a escalada. E gritos e hurras saudaram — a 600 metros de altura — o momento em que foi tocado pela primeira vez o paredão do monte.

Vencendo as pedras, as cobras, o frio, com as mãos inchadas e as botas rasgadas, os soldados e índios chegaram afinal ao topo do monte Roraima — o mesmo lugar onde fora esculpida a martelo, numa grande pedra, com letras de 30 centímetros, uma inscrição de quase meio século: "General Rondon — Viva o Brasil — 29 out 27."

A Bandeira do Brasil foi então fincada no alto do Roraima pela expedição, que levou ainda a bandeira do 2º BEF e do Comando Militar da Amazônia. Depois da oração, o grupo tomou com

satisfação uma sopa quente, do tipo vendido em pacote. Havia percorrido 135 km de terrenos montanhosos e íngremes, além de cinco de selva fechada.

A expedição verificou que não existe forma prática de escalar o monte pelo lado brasileiro (também havia fracassado pouco antes uma tentativa guianense de subir pelo seu lado) e por isso um pequeno trecho venezuelano teve de ser percorrido.

A parede de 500 metros de altura — reta e em perfeita vertical — desestimula até os melhores alpinistas. Serão feitas tentativas no futuro para encontrar na parte brasileira do monte uma passagem que leve ao topo, como sugerem certas lendas. Fala-se muito nessa passagem "primitiva dos deuses e dos grandes chefes indígenas" e também na "pedra do chapéu" — esta, bem real, é um grande bloco de granito que pesa várias toneladas, com a aparência de um pássaro, apoiado apenas num ponto.

Mas a descoberta mais surpreendente do grupo foi a de uma estrada pavimentada em pedra, à margem de um riacho, com algumas centenas de metros. Na opinião dos militares, pode ter centenas de anos, mas o trabalho — dizem — deve ter sido feito por alguma civilização bem mais avançada do que a dos indígenas que atualmente vivem nas fronteiras brasileiras.

### Subnutrição e miséria

A expedição do Batalhão de Fronteira, que levou elementos do campus avançado da Universidade de Santa Maria, fez também um diagnóstico da situação sanitária dos índios que habitam a maloca da serra do Sol. O acadêmico Arlindo Vargas constatou que aquela gente vive em estado de subnutrição e procurou prestar alguma assistência, especialmente às crianças.

Quase não há alimentos, sendo muito consumidos a pimenta e os lagartões. Os índios fazem trabalhos esporádicos nos lados guianense e venezuelano, mas

dinheiro praticamente não existe por lá e todos vivem na base das trocas. A caça, principal fonte de alimento, está distante — na selva. E o organismo ali exige grande quantidade de sal e água.

Para o Capitão Siqueira e o eufórico Coronel Saul Guterres Dias, Comandante do 2º Batalhão de Fronteira, a expedição representou também um fato novo na história das comunicações, pois realizou a primeira conversação via rádio-telefone, do alto do Monte Roraima a Boa Vista, para informar sobre os resultados da operação.